



Permanência e inovação

por Wagner Corrêa de Araújo

Permanência e Inovação:

como a São Paulo Companhia de Dança desafiou a pandemia

Wagner Corrêa de Araújo

publicado em 28/01/2021

A longa trajetória da São Paulo Companhia de Dança, sustentada em inventiva busca estética na urdidura de suas concepções cênicas, tanto para o palco como para espaços alternativos, vem ao longo de seus treze anos contribuindo cada vez mais para ampliação de um ideário voltado para o enriquecimento de nossa cultura coreográfica.

Partindo da diversidade cultural através de coreógrafos convidados, com estreia de obras inéditas especialmente pensadas para a Companhia, dando um especial enfoque, com o mesmo intuito de valorização referencial, tanto na amostragem do que vem de fora como do produto absolutamente nacional.

Sempre com o olhar armado na reflexão sobre grandes temas da contemporaneidade brasileira e universal, que aparecem inclusive na titulação dos módulos que integram as temporadas anuais, idealizadas sob um prevalente conceitual de maturada abordagem estética.

Em 2020, a SPCD viu-se diante do desafio de um período atípico marcado por inusitado status decorrente da Covid-19, colocando em situação de risco iminente seu fundamental projeto de

incentivo à dança. O que em meritório esforço coletivo dos seus bailarinos, sob o eficiente comando de sua direção geral, por Inês Bogéa, e pela seriedade profissional de seu staff técnico/administrativo, a Companhia enfrentou com rara ousadia.

Praticamente, ainda que sob outras formatações (webséries, podcasts, registros audiovisuais e documentários) adaptando-se às naturais limitações sanitárias, foi mesmo assim mantendo intactos seus programas básicos. Dimensionados entre a tradição e a experimentação através de inovadoras iniciativas, indo da criação às reposições de um repertório, na múltipla abrangência de obras contemporâneas a releituras de clássicos.

Onde, diante das incertezas de um tempo de exceção por grave surto, acabou privilegiando funcionais saídas para suprir a necessária ausência do fator presencial palco/plateia. Viabilizando propícias exibições em espaços virtuais, voltadas para disponibilização de parte deste acervo do repertório por intermédio das plataformas digitais. Além de oficinas e palestras live, sem interrupção, inclusive, do que representa, como importante legado memorial, a série Figuras da Dança, continuada por mais dois tributos (Neyde Rossi e Gisèle Santoro).

Estendendo-se, também, por ações de multidisciplinaridade educativa com projetos voltados exclusivamente para a formação de plateia, usuais na Companhia tanto nas apresentações ao vivo em periodicidade normal, quanto em lançamentos audiovisuais com atividades lúdicas voltadas para o público infanto-juvenil. Práticas recreativas que remetem ao movimento e à gestualidade, despertando, assim, o interesse para o ato do dançar propriamente dito, todas mantidas sob parâmetros videográficos.

Inicializando seu projeto cênico de compasso emergencial com a performance *Corpus: Alma e Esperança*, parceria com o Balé da Cidade de São Paulo na integralização coletiva das duas companhias, via espontânea manifestação criativa de seus próprios bailarinos. Em preciso intercâmbio de similaridades gestuais e

coincidente paisagismo cênico, na plasticidade conferida aleatoriamente a simples elementos de décors domiciliares configurando uma complexa pulsão de recursos experimentais.

Outras iniciativas elogiáveis abordaram, sob captação fílmica, dois segmentos coreográficos – Cantares e Dançares - inspirados no erudito e no popular, sustentados em acordes de música de câmara presencial, com envolvente sotaque de brasilidade. Expandindo-se, em significativo crescendo, na surpresa estética do lúdico e provocador encontro de linguagens artísticas, com artesanal dimensionamento no processo inventor coreocinético de Amálgama, por Henrique Rodovalho. Fazendo interagir corporeidade, movimento, música, plasticidade, no sensorial diálogo estético entre os bailarinos e 23 obras referenciais do acervo pictórico/escultural do Museu de Arte Contemporânea da USP.

WAGNER CORRÊA DE ARAÚJO é jornalista especializado em cultura, jurado de prêmios teatrais e crítico de artes cênicas (teatro, ópera e dança) no blog autoral Escrituras Cênicas. Vem atuando na área de dança desde os anos 1980, participando como crítico nos Festivais de Joinville, Bento Gonçalves e Pantanal Santuário da Dança, tendo dirigido e roteirizado os documentários Memória da Dança, Balé Guaíra 30 Anos e O Grande Circo Místico.

Para citar este texto como fonte de pesquisa utilize o modelo abaixo:

ARAÚJO, Wagner Corrêa de. In: Permanência e Inovação: como a São Paulo Companhia de Dança desafiou a pandemia. São Paulo: São Paulo Companhia de Dança, 2021. Disponível em: <<http://www.spcd.com.br/memoria/olhares>>. Acessado em (DIA/MÊS/ANO).